

URBANIDADES E RURALIDADES NA CIDADE DE VALENTE-BAHIA

URBANITIES AND RURALITIES IN THE CITY OF VALENTE- BAHIA

Gêisa Cunha dos Santos¹
Maria da Paz de Jesus Rodrigues²

Resumo: Os propósitos centrais desse artigo são apresentar algumas análises concernentes a articulação campo-cidade no município de Valente-BA e identificar os reflexos decorrentes dessa relação nas dinâmicas sociais e espaciais, principalmente, nas distintas manifestações de urbanidades e ruralidades na cidade. Valente-BA foi definida como o recorte espacial da pesquisa por apresentar uma intrínseca confluência do campo com a cidade impulsionada pela cadeia produtiva do sisal. Para a realização desse estudo, pautado numa abordagem qualitativa, recorreu-se a levantamentos bibliográficos e documentais com intuito de viabilizar subsídios para as discussões dos conceitos que norteiam a investigação. Também foram realizadas pesquisas de campo e entrevistas com moradores locais. De um modo geral, assim como nas demais pequenas cidades do Território de Identidade do Sisal, em Valente as dinâmicas intraurbanas são diretamente fomentadas pelas interações com o seu entorno rural.

Palavras chave: Pequena cidade. Rural. Urbano. Campo. Cidade.

Abstract: The main goals of this article are the presentation of some analysis concerning the connection between field-city in the municipality of Valente-BA and the identification of the reflexes resulting from that connection in the social and spatial dynamics and also, especially in the different manifestations of urbanities and ruralities in the city. Valente-BA was defined as the spatial cutback of the investigation because it presented an essential junction of the field with the city, encouraged by the interconnections of the production chain of sisal. To carry out this investigation, based on a qualitative approach, bibliographical and documental surveys were turned to, meaning to make subsidies viable for the discussion of the concepts that lead the investigation, as well as carrying out field researches, interviews and surveys. In general, as in the other small cities of the Território de Identidade do Sisal, in Valente the intra-urban dynamics are directly fostered by interactions with their rural environment.

Keywords: Small cities. Rural. Urban. Field. City.

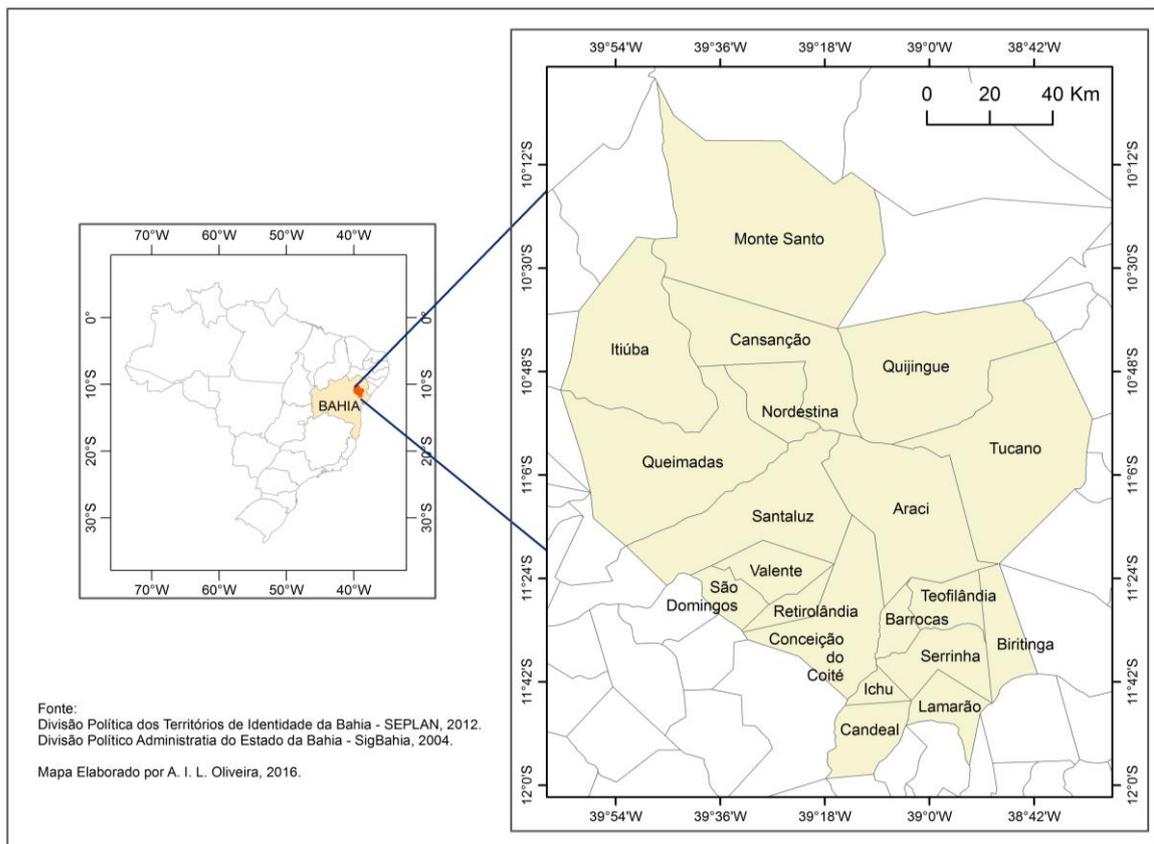
¹ Pós graduanda em Educação do Campo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IFBaiano). Graduada em Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus XI. E-mail: geisa-cunha@hotmail.com.br

² Professora Assistente do Curso de Licenciatura em Geografia Universidade do Estado da Bahia (UNEB)- Campus XI. Graduada em Geografia e Mestre em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, com ênfase em Políticas Públicas pela UNEB – Campus V. Doutoranda em Geografia pela Universidade de Santiago de Compostela (USC). E-mail: pazrodrigues2@gmail.com

Introdução

Os espaços do campo e da cidade precisam ser compreendidos a partir das suas complementaridades, resguardando suas diferenciações, sem desconsiderar as relações socioeconômicas e culturais, assim como as múltiplas interações. Partimos do entendimento de que as análises dicotômicas da relação campo e cidade, ou do rural e urbano, fomentam equívocos e fragmentações na leitura dessas realidades socioespaciais, sobremaneira, no que se refere às pequenas cidades no âmbito do Território de Identidade do Sisal (ver imagem 01), pois essas articulações se apresentam como indissociáveis do processo de produção e reprodução dos espaços.

Imagem 01: Território de Identidade do Sisal – BA



O Território de Identidade do Sisal³ é composto por 20 municípios, quase todos interligados pela cadeia produtiva da *Agave Sisalana* (mais conhecido como sisal), que envolve desde o seu cultivo aos processos de beneficiamento, distribuição e produção de insumos da fibra do sisal, o que agrega etapas desenvolvidas nas áreas rurais e urbanas. Outra característica que se sobressai nesse Território de Identidade é o predomínio de população rural na maior parte dos municípios, dos 582.329 habitantes (IBGE, 2010), 57, 21 % vivem em áreas rurais.

As confluências rural-urbano são essenciais para o entendimento das especificidades apresentadas por municípios nos quais as distinções entre os limites do campo e da cidade são tênues, bem como os que possuem as paisagens marcadas pelas intensas conexões entre esses espaços, como é o caso de Valente-BA.

O presente artigo visa tecer discussões referentes às interfaces da relação campo-cidade no município de Valente-Ba, buscando compreender as implicações decorrentes nas dinâmicas espaciais e sociais da cidade. Almeja-se também, enfatizar alguns aspectos e elementos que denotam as manifestações das ruralidades e urbanidades no núcleo urbano central.

O desenvolvimento da investigação fundamentou-se em pesquisas bibliográficas e documentais, observações *in loco*, obtenção de informações através da realização de entrevistas semi-estruturadas com moradores, vendedores e frequentadores da feira-livre, escolhida por seu um local de intensas manifestações da relação campo-cidade.

O artigo está estruturado em três tópicos. O primeiro apresenta uma síntese das principais discussões sobre os conceitos que fundamentam a pesquisa. O segundo traz ponderações a respeito de algumas manifestações das ruralidades e urbanidades na cidade de Valente, e suas influências nas dinâmicas locais. E, por fim, algumas considerações finais.

³ O Território de Identidade do Sisal é uma das vinte sete unidades de planejamento territorial definidas pelo governo do estado da Bahia a partir de 2007, como a nova estratégia de regionalização.

Breves ponderações sobre a relevância da relação campo-cidade para compreensão das pequenas cidades do Território de Identidade do Sisal-BA.

As análises sobre as pequenas cidades são fundamentais para a compreensão da complexidade que envolve o fenômeno urbano no contexto brasileiro. Embora apresentem um limitado dinamismo socioeconômico, reduzida extensão territorial e organização interna mais simplificada em comparação aos grandes e médios centros urbanos, as pequenas cidades contribuem para o entendimento das articulações da rede urbana, das intrincadas relações campo-cidade e como o urbano se consolida nestes pequenos núcleos.

Além disso, os estudos empíricos viabilizam desvelar as heterogeneidades que perpassam as distintas formações socioespaciais das pequenas cidades no Brasil, tendo em vistas que, apesar das semelhanças, se sobressaem as inúmeras particularidades e diferenciações de acordo com o meio geográfico na qual estão inseridas.

Maia (2010) enfatiza que para o entendimento da dinâmica da vida nas pequenas cidades, sobretudo considerando o contexto nordestino, torna-se imprescindível a valorização de diferentes dimensões, desde a econômica a aquelas que envolvem os modos de vida, práticas e distintas temporalidades, já que “[...] mesmo naqueles pequenos centros que não correspondem ao que entendemos por cidade, encontram-se indícios da realidade urbana, pois esta se manifesta na dispersão da cidade através da centralização do comércio, do encontro, da reunião, da informação.” (MAIA, 2010, p. 39)

Na tentativa de estabelecer parâmetros qualitativos que possam auxiliar na compreensão das cidades pequenas no Brasil, Soares e Melo (2010) destacam como um dos aspectos inerentes a influência dos valores rurais e urbanos no cotidiano dos moradores. Argumentam ainda que esses valores podem ser averiguados de inúmeras maneiras, seja pelo fato da população ser considerada urbana pelas instituições oficiais e esteja submetida a padrões de consumo, relações de trabalho e acesso a tecnologias vinculados ao urbano; ou seja pela manutenção de vínculos identitários e reprodução de práticas rurais no cotidiano da cidade. É isso que ocorre explicitamente nas cidades pequenas do Território em análise.

No Território de Identidade do Sisal as sedes dos municípios se caracterizam como cidades pequenas, não apenas por conta do quantitativo demográfico, com população residente que apresenta uma variação entre 2.065 a 21.958 habitantes (IBGE, 2010); mas,

especialmente pelos aspectos qualitativos, restrição das áreas de influência ao âmbito do seu município e pouca diversificação dos setores de comércio e serviços. As exceções são as cidades de Conceição do Coité e Serrinha que na perspectiva intrarregional desempenham funções de centralidade e intermediação sob os demais municípios do entorno, além de possuírem maior quantitativo populacional, respectivamente, 36.278 e 47.188.

Investigações⁴ específicas sobre a organização espacial e relação urbano-rural nas cidades pequenas do Território do Sisal revelam que, de um modo geral, essas exercem funções político-administrativas; apresentam economia baseada no incipiente comércio, oferta de serviços básicos, agropecuária de subsistência e produção da fibra do sisal⁵; todavia, sobretudo, possuem uma intensa relação com o seu rural imediato. Entretanto, em meio às semelhanças das bases econômicas, indicadores e contextos históricos de formação, a pesquisa também destaca que essas cidades apresentam singularidades, refletidas, por exemplo, nos diferentes níveis de dinamismo; maior ou menor presença dos vetores de modernidade; intensidade de dependência do seu entorno rural; capacidade de articulações com as cidades circunvizinhas; simbolismos e manifestações culturais distintas.

No caso da cidade de Valente, elegida como recorte espacial para análises mais específicas neste artigo, essa se enquadra entre as cidades pequenas com maior dinamismo e indicadores socioeconômicos mais elevados em comparação as demais do Território. Valente possui comércio e rede de serviço com relativa diversificação, inclusive, atende as demandas básicas dos municípios vizinhos. O fato de apresentar uma base econômica mais dinâmica pode ser atribuído a uma maior inserção do município nas etapas urbanas e rurais da cadeia produtiva do sisal, o que reforça as confluências campo-cidade e provoca influências diretas na configuração dos seus espaços. Cabe ressaltar ainda, que está localizada em Valente a sede da Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira (APAEB),

⁴ Neste caso, nos referimos especificamente ao Projeto de Pesquisa intitulado “A dinâmica urbano-rural e a reorganização do espaço nas pequenas cidades do Território do Sisal no estado da Bahia-Brasil: da reestruturação da cadeia produtiva do sisal à consolidação do tecido associativo (1990 – 2014)”, desenvolvido entre os anos de 2015 e 2017, por uma equipe executora composta pelos seguintes professores: Onildo Araújo da Silva e Edinisia Moreira Santos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Agripino Coelho Neto, Jamille Lima e Maria da Paz Rodrigues da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A pesquisa contou com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

⁵ Vale salientar que, na contemporaneidade, nem todos os municípios desse Território de Identidade permanecem inseridos nas atividades da cadeia produtiva do sisal. No entanto, continuam a apresentar forte articulação pelas relações constituídas historicamente e intermediações da rede urbana local.

que promove uma série de iniciativas de mobilização dos movimentos sociais e fortalecimento de atividades produtivas locais.

Diante da ressaltada relevância da articulação campo-cidade na conformação das pequenas cidades em análise, em especial, na cidade de Valente, faz-se importante demarcar algumas compreensões teórico-conceituais que propiciam subsídios para as análises realizadas por esta pesquisa.

A relação campo-cidade está em constante processo de transformação, uma vez que estes são espaços dinâmicos que sofrem alterações a todo momento, sejam mais intensas ou graduais. Desta maneira, é muito importante tecer análises sobre esses processos e a materialização das suas manifestações que conformam uma totalidade, sendo de grande relevância conhecer os conteúdos e influências que permeiam essa relação, principalmente, por serem fundamentais para a compreensão da realidade socioespacial apresentada por muitos municípios brasileiros.

Na atualidade, a divisão social do trabalho entre campo e cidade já não é mais tão rígida e hierárquica, demarcando uma separação espacial. Assim, num processo de acentuadas inter-relações campo e cidade podem assumir formas e conteúdos similares e a intensificação das articulações induz que os meios e modos de produção sejam mais imbricados, fomentando que as diferentes técnicas, atividades agrícolas e ação do capital não sejam restrita nem somente ao campo e nem à cidade (Carlos, 2013). Assim, campo e cidade se configuram como espaços distintos, e não opostos, apesar de organizações e lógicas diferenciadas, ocorre uma acentuada complementaridade, um existe em função do outro, são formas concretas que se materializam no espaço de modo complementar. Para Lima (2012, p.35):

[...] Campo e cidade continuam e estabelecem uma relação entre si, diferente, pois passam a atender a objetivos dispares. Logo, evidencia-se a importância de explicar tal relação, visto que é ela que os define em suas distinções, sem ignorar os elos que os vinculam.

Ressalta-se que em Valente o campo e a cidade mantêm uma relação muito próxima. Entretanto, a presença de elementos e modos de vida característicos de um espaço não anulam as especificidades do outro, coexistindo elementos e práticas rurais presentes na cidade e aspectos e hábitos urbanos no campo, ou seja, ruralidades e urbanidades. Segundo Carlos (2004), “a cidade e o campo se diferenciam pelo conteúdo das relações sociais neles contidas

e estas, hoje, ganham conteúdo em sua articulação com a construção da sociedade urbana, não transformando o campo em cidade, mas articulando-o ao urbano [...]”. Neste sentido, o campo não é eliminado pelo avanço do fenômeno urbano, e apesar de serem espaços diferentes, campo e cidade integram um todo.

Do mesmo modo, a pequena cidade não pode ser concebida como uma realidade isolada do campo, pelo contrário, os fluxos de pessoas, produtos, transportes, entre outros, intensificam os intercâmbios por esses dois espaços. Em alguns casos, o campo além de produzir grande parte dos alimentos e insumos consumidos na cidade, também é fornecedor de força de trabalho, já que muitas pessoas ainda migram para as cidades com a perspectiva de melhoria de vida, principalmente, porque algumas áreas rurais não dispõem de condições básicas de acesso a emprego, educação, serviços de saúde. Conforme Bernardelli (2013, p. 46-47)

Ao falarmos de espaço, seja ele urbano ou rural, é sempre necessário reforçar que este apresenta especificidades, decorrentes de sua construção histórica, e daí ainda que se possa falar de mudanças, diversificação e modernização (de múltiplas ordens, na introdução de inovações tecnológicas, nas formas e relações de produção, nas relações de trabalho, no desenvolvimento das forças produtivas, etc) em uma perspectiva geral, é no plano singular que devemos mostrar as diferenças.

Os espaços, sejam rurais ou urbanos, possuem singularidades que os caracterizam, alguns são mais ruralizados e outros urbanizados, porém, é simplificador qualificá-los apenas com base nas suas atividades produtivas. Outro fator que contribui para que em determinado espaço predomine e incorpore costumes e práticas rurais ou urbanas é o acesso da população a determinados bens e serviços, dependendo muitas vezes, do poder aquisitivo que apresentam.

A urbanização ultrapassa os limites da cidade, avançando sobre o campo e dispersando o modo de vida urbano. Isso não significa que o urbano anula o rural, pelo contrário, estes mantêm a sua essência e especificidades apesar das ressignificações, como é defendido na perspectiva teórica do continuum rural-urbano.

A perspectiva do continuum rural-urbano é fundamentada na tese de que o processo de urbanização causa mudanças em toda a sociedade, fazendo com que o fenômeno urbano adentre os espaços do campo, aproximando-o cada vez mais da realidade urbana, o que promove uma coexistência em meio às transformações impostas. No continuum rural-urbano, esses espaços são concebidos como interligados. Para Sposito (2013, p.121)

O reconhecimento de um contínuo cidade/campo não pressupõe o desaparecimento da cidade e do campo como unidades espaciais distintas, mas a constituição de áreas de transição e contato entre esses espaços que se caracterizam pelo compartilhamento, no mesmo território ou em micro parcelas territoriais justapostas e sobrepostas, de usos de solo, de práticas sócioespaciais e de interesses políticos e econômicos associados ao mundo rural ou urbano.

Urbano e rural são práticas sociais que revelam o modo de vida dos sujeitos. Além disso, existem urbanidades presentes no rural e ruralidades no urbano, como os elementos que compõem esses espaços ou modos de vida. Sobretudo, na pequena cidade, é perceptível na área urbana hábitos rurais, como criação de animais e plantação de hortaliças nos quintais das casas, carroças fazendo o transporte de pessoas; bem como torres para captação de sinal de celular, internet, televisores e meios tecnológicos presentes no campo. Dessa forma, as ruralidades e urbanidades podem estar presentes tanto no campo quanto na cidade.

Henrique (2012) defende que o arquétipo rural existe enquanto potencialidade e se materializa no espaço, no campo e nas cidades, em diferentes intensidades denominadas de ruralidades. As intensidades definem quais e como as marcas do arquétipo rural são espacializadas, produzindo gradações e combinações diferenciadas do processo. No rural, os hábitos e costumes são mais ligados com o lugar, com a terra, havendo uma maior ligação dos sujeitos com o tempo, com a cultura local, maior dependências dos períodos do ano para o plantio e colheita. No rural, também há uma maior relação no contato com as pessoas, elas são bem mais próximas do que na cidade, não fazem uso constante de aparatos tecnológicos para se comunicar, sendo o diálogo entre os moradores a principal forma de comunicação. Henrique (2012), ainda define que isto não significa, em hipótese alguma, uma alienação, mas sim apenas uma restrição, quase sempre dada pelo meio técnico; ou mesmo desinteresse por informações que não tem impacto direto na vida cotidiana. A cidade, no arquétipo rural passa ser o lugar de encontros passageiros, frequentada somente em determinados momentos, como em festas da igreja, acesso ao comércio, bancos, entre outras atividades que não estão disponíveis no campo.

Já o arquétipo urbano se materializa mais intensamente nas cidades, onde se estabelece diferentes formas de atividades, como trabalho, produção, consumo, etc. Para Henrique (2012), a cidade é produzida e consumida de acordo com a intensidade da urbanidade, da

renda dos seus moradores e usuários. Assim, quanto maior a cidade e a renda da sua população, maior será o grau de urbanização da mesma.

A cidade de Valente agrega tantos aspectos mais relacionados à urbanidade quantos aqueles mais vinculados ao arquétipo rural, pois os moradores advindos do campo mantêm os seus costumes no núcleo urbano, como a criação de animais em terrenos baldios ou soltos pelas ruas das cidades; o cultivo de hortaliças; a carroça como transporte, muitas vezes utilizada como fonte de renda pelos carroceiros; as sociabilidades com os vizinhos; a reprodução de manifestações e práticas festivas e religiosas

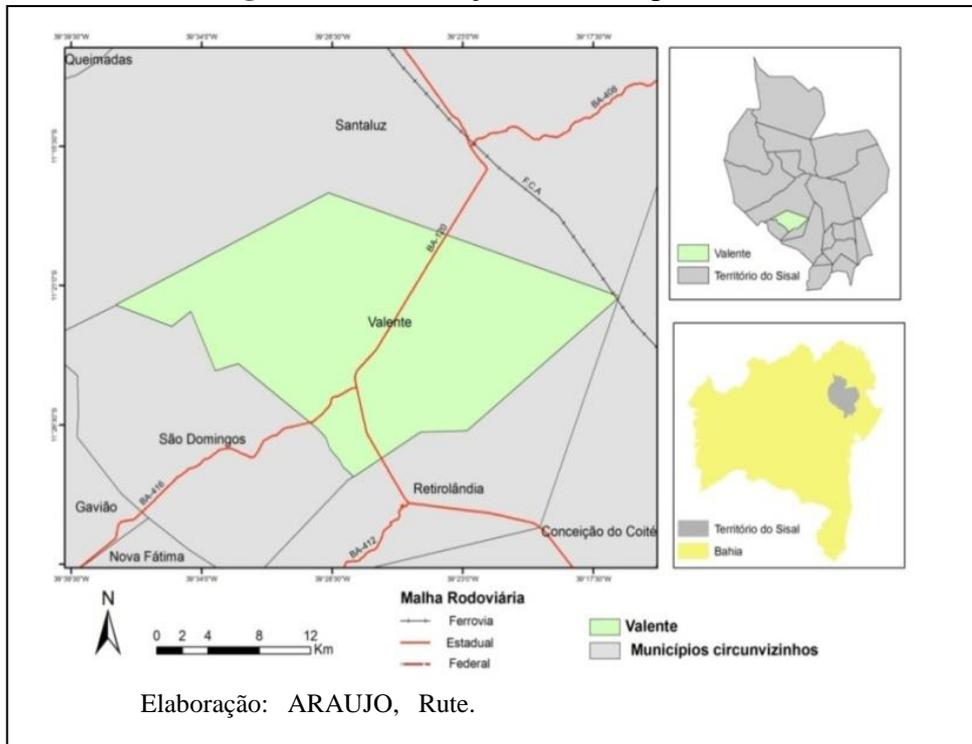
A incorporação desses modos de vida urbano ou rural são estratégias empregadas pelos sujeitos para se sentirem próximos da sua realidade originária, uma forma de reproduzir, mesmo com adequações e inserção de outros elementos, suas práticas e costumes que lhe atribuem uma identidade rural ou urbana.

Dessa forma, os modos de vida podem se aproximar mais do espaço urbano ou do rural. Contudo, isso não significa que este perca a sua “origem” ou se “urbanize” ou “ruralize” plenamente. Estes podem incorporar hábitos e estratégias que não lhes são próprios, sem perder a sua “essência” incorporada pelos valores socioculturais transmitidos coletivamente. Nesta perspectiva, a cidade deixa de ser exclusivamente urbana por conter ruralidades, e o campo, da mesma forma, passa a conter elementos do urbano, as urbanidades. Enquadra-se nesta realidade o município de Valente-BA.

As expressões de urbanidades e ruralidades em Valente-Bahia

Situado no Território de Identidade do Sisal, no nordeste baiano, o município de Valente (ver imagem 02) possui uma população de 24.579 habitantes, distribuída em 13.491 habitantes urbanos e 11.088 habitantes das áreas rurais (IBGE, 2010). Apresenta ainda, uma configuração espacial, dinâmicas socioculturais e organização das atividades produtivas demarcadas pelas acentuadas interações urbano-rural. Cabe ressaltar, que no caso do município de Valente, apesar da população urbana ser um pouco maior que a rural, as relações produtivas, afetivas ou complementares com o campo são intensas.

Imagem 02: Localização do município de Valente- BA.



Por se tratar de uma região de clima semiárido, e por incentivos do governo estadual baiano, a partir de 1930 a população de Valente passou a dedicar-se ao cultivo do sisal, planta da qual é extraída a fibra para produção de cordas, fios, tapetes e artesanatos. Segundo Galvão (2002), o cultivo do sisal foi o responsável pela emancipação e crescimento do município, e até os dias atuais é umas das principais atividades produtivas de sustentação da economia local.

Entre as décadas de 1960 e 1970 a produção do sisal obteve elevados rendimentos. Entretanto, na década de 1990, o sisal foi perdendo valor no mercado por causa da concorrência com outras regiões produtoras; a instabilidade do dólar, interferindo nas negociações internacionais; períodos com a grande oferta do produto e outros de escassez por causa das estiagens prolongadas, o que provocava instabilidade na produção.

A crise do cultivo e produção da fibra do sisal provocou a redução do quantitativo de pessoas empregadas no campo, impelindo muitos a buscarem outras formas de obter renda para sustentar suas famílias. Uma das estratégias empregadas foi concentrar as etapas de trabalho no campo, de modo que um membro da família passou a assumir mais de uma função no cultivo e beneficiamento do sisal para os outros buscarem trabalho e formas de

complementação da renda na cidade. Com o declínio da produção sisaleira na década de 1990, muitas famílias do campo migraram para a cidade em busca de melhores oportunidades de vida, o que, por consequência, induziu o aumento da população e expansão da malha urbana mediante a demanda por novas áreas de ocupação.

Economicamente, a produção do sisal foi e continua a ser muito importante para o município. Além disso, cabe destacar sua relevância para a intensificação do processo de urbanização na cidade, pois nos períodos em que a produtividade não é reduzida, ocorre uma dinamização da economia e elevação da renda familiar, viabilizando novas incorporações, aumento dos fluxos e demanda por serviços específicos. Associado a esse aspecto, a cidade de valente sedia a principal fábrica de produção de insumos da fibra do sisal.

A cadeia produtiva do sisal possui etapas desenvolvidas no campo e outras etapas na cidade, desta forma é reforçada a relação entre esses dois espaços nas diferentes fases do plantio até a exportação do sisal e seus derivados. Essa atividade econômica corrobora, sobretudo, para revigorar as dinâmicas rurais e urbanas e os intercâmbios entre a população local. A título de exemplificação, muitos trabalhadores que atuam nas etapas urbanas do beneficiamento do sisal ainda residem no campo, por outro lado, parte significativa dos moradores da cidade é proveniente do campo e ainda mantém intenso vínculo com seus povoados e vilas de origem.

Para compreender a relação campo-cidade, também é importante identificar os espaços nos quais se manifesta e materializa. Em todo o município de Valente, esta relação é muito perceptível, todavia, a feira livre é um dos locais onde esta relação se expressa mais evidentemente.

Em Valente, a feira tem a função de abastecer a comunidade com diversos produtos agrícolas alimentícios ou manufaturados, sendo essencial para a circulação do capital e fortalecimento da imbricação campo-cidade, pois a feira livre é o espaço no qual os pequenos produtores tem a oportunidade de vender diretamente os seus produtos para o consumidor final.

Vale salientar que, com a venda de alimentos hortifrutigrajeiros pelos supermercados nos últimos anos, característica das urbanidades, a comercialização na feira livre vem perdendo um pouco de pujança. Entre os fatores que contribuem para essas mudanças, destacam-se o fato das pessoas não ficarem restritas aos dias de realização da feira para

adquirirem seus insumos alimentares; e a flexibilização nas formas de pagamento, e comodidades oferecidas pelos supermercados.

Entretanto, mesmo com alternativas de compra de produtos agrícolas em supermercados, a feira livre da cidade ainda apresenta significativo fluxo de pessoas. Assim, tanto a população do campo quanto da cidade ainda frequentam a feira livre para realizarem suas compras, movimentando o centro da cidade e estabelecimentos comerciais nos dias de ocorrência da feira livre. Além de ter importância econômica, a feira também propicia momento de sociabilidades, já que se estabelecem inúmeras relações sociais, políticas, culturais, simbólicas, bem como se expressam práticas de ruralidades e urbanidades.

Na cidade de Valente, além da feira livre, as ruralidades se mantêm em algumas atividades produtivas complementares, formas de organização, sociabilidades e, ainda, nos aspectos culturais, a exemplo dos grupos de orações (rezas) que se reúnem na casa dos moradores, geralmente em alguma data especial, como aniversários; dos grupos de rodas de samba e reizado, que buscam se manter ativos, cumprindo a tradição de saírem festejando de casa em casa durante uma madrugada no início de janeiro.

Há também o grupo de cantigas de rodas, que recentemente criou um projeto de revitalização da cultura do sertão, na tentativa de agregar jovens para transmitir as tradições orais e para que possam dar continuidade as manifestações, já que, a maioria dos participantes desses grupos é idosa. Não obstante ao mérito dessas autênticas manifestações da cultura local, é perceptível o enfraquecimento das expressões populares em Valente e o desinteresse dos mais jovens, principalmente pela inserção de novas tecnologias, a exemplo da televisão e internet, induzindo a valorização e incorporação de outros referenciais alheios aos seus locais de origem.

Outro costume rural presente na cidade de Valente é a montaria de cavalos, na qual os grupos de montadores se reúnem, todos com trajes de vaqueiro, para irem ao campo, sendo uma forma de lazer e de se manterem próximos de suas raízes. Apesar de morar na cidade, estes sentem-se ligados ao campo e tem na montaria esse contato mais próximo com o meio rural. Ao chegarem nos espaços do campo, os montadores começam a aboiar, ou seja, fazer rima sobre os costumes e o modo de vida do campo.

O vaqueiro no sertão
Lutando com os animais

A vida do homem do campo
 Seu moço é bom demais
 Acorda de madrugada
 Ouvindo a passarada
 Deus ajuda e lhe dá paz
 [...]

Fui visitar meu sertão
 E via pura realidade
 O campo tá tão mudado
 Essa é a verdade
 Por isso a diferença
 Do campo para a cidade
 [...]

Eu admiro o sertão
 Com grande propriedade
 falar do homem do campo
 é orgulho de verdade
 é um povo trabalhador
 que trabalha com louvor
 e com muita dignidade

Autor: Zezinho Aboiador, s/d

Também se constitui como ruralidade presente na cidade as plantações e criações de animais em quintais e áreas ociosas. Em Valente, é possível visualizar no perímetro urbano várias áreas com hortaliças e cultivos temporários, uso de animais para o transporte e pequenas criações para a complementação alimentar. Demonstrando assim, que os hábitos do rural permanecem na cidade e nas práticas dos seus moradores que não estabelecem uma ruptura plena com o modo de vida rural.

Por outro lado, igualmente se manifestam as urbanidades na pequena cidade de Valente, a exemplo das mudanças nos padrões de consumo; a existência de franquias e estabelecimentos comerciais filiais de redes de atuação regional e nacional; e a presença de serviços especializados. Somam-se também as densidades técnicas e informacional como a maior presença de celulares e computadores nas residências, e uso de antenas parabólicas, digitais e internet como meios de obter informações sobre o que acontece no mundo, não se restringindo somente ao diálogo entre os moradores. Também se constata a implantação de torres de captação para um melhor funcionamento dos equipamentos. Segundo Rua (2002), as urbanidades podem ser verificadas de inúmeras formas, perpassando dos avanços na infraestrutura e meios de comunicação até a adoção de novas práticas de lazer.

Em Valente, essas confluências das práticas e modos de vida rural-urbano são presentes tanto no campo quanto na cidade. Além das atividades produtivas, essa interligação

também é reforçada pelo fato de parte da população urbana ter sua origem ligada ao campo, permanecendo com uma estreita conexão com esse espaço. Mesmo residindo na cidade, alguns buscam o campo para trabalhar e para se divertir. Essa utilização do campo para o entretenimento é bem perceptível aos domingos, quando muitas pessoas se deslocam da cidade para o campo, pois prefere-o como forma de descansar, de sair da rotina da cidade e para a busca do ócio. Essa se apresenta como uma nova função incorporada pelo campo.

De acordo com Bagli (2006, p.105), “A paisagem rural é transformada em mercadoria passível de ser consumida por aqueles que anseiam sair da realidade fatigante das cidades em busca do contato com a natureza e da tranquilidade do campo” Apesar dessas análises quase sempre contemplar as grandes cidades e metrópoles, observa-se que também começa a ser uma realidade nas pequenas cidades, como em Valente, na qual as pessoas também buscam as amenidades dos espaços rurais como alternativas de lazer. Portanto, o campo também é percebido como área de entretenimento e não somente de trabalho.

Não obstante as pessoas da cidade preferirem o sossego do campo, elas não abrem mão das comodidades dos elementos urbanos nesses espaços. Os proprietários rurais perceberam nesta nova funcionalidade do campo uma possibilidade de complementação da renda familiar, e passaram a investir em ambientes para atrair a população da cidade, como pousadas rurais, bares e restaurantes, com possibilidade de uso de TV a cabo e internet, para atender as necessidades dos seus frequentadores.

Essa busca do campo para fins de lazer e moradia tem provocado uma demanda por terrenos e imóveis nestas localidades, induzindo o surgimento de novas áreas de ocupação e uma valorização imobiliária das terras rurais. Por extensão, tem causado grandes impactos na vegetação local, visto que a caatinga está sendo desmatada para dar espaço a essa nova forma de ocupação do espaço rural por loteamentos, ameaçando muitas espécies da fauna e da flora local.

Considerações finais

Analisar as relações campo-cidade nas pequenas cidades é fundamental para compreender as suas articulações, dinamismos e configurações socioeconômicas, uma vez que, muitas cidades no contexto brasileiro tiveram sua conformação espacial diretamente

atrelada às imbricações rural-urbano. No município de Valente-BA, a relação campo-cidade é intrínseca as suas dinâmicas internas, tendo em vista que o município se originou por causa do plantio do sisal e, até a atualidade, se apresenta como a sua principal fonte de renda.

A cadeia de produção e beneficiamento do sisal contribui vigorosamente para a reafirmação das relações campo-cidade, possibilitando intercâmbios entre a população, e viabilizando a reprodução de ruralidades e urbanidades tanto na cidade quanto no campo. Por extensão, a movimentação econômica promovida pelas atividades produtivas do sisal também fomenta diretamente a intensificação da urbanização, o aumento da densidade técnica e informacional, além da incorporação de novos padrões de consumo e exigência de serviços mais especializados.

Com a urbanização, essa relação campo-cidade se acentua, os elementos do urbano adentram o campo com mais vigor, impõe as urbanidades. Por outro lado, persistem as ruralidades, ou seja, elementos do campo presentes na cidade, como criação de animais, cultivos diversos, contatos mais próximos com os vizinhos, entre outros aspectos peculiares ao modo de vida rural. Importa ressaltar que a cidade não se transfigura em espaço rural por conta da presença de referenciais e elementos tipicamente atribuídos ao campo, ocorre uma coexistência de urbanidades e ruralidades na cidade.

Referências

BAGLI, Priscila. **Rural e urbano nos municípios de Presidente Prudente, Álvares Machado e Mirante do Paranapanema: dos mitos pretéritos às recentes transformações.** / 2006. Dissertação. Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

BERNARDELLI, Maria Lucia Falconi da Hora. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, M. E. B. & WHITACKER, A. M. (orgs). **Cidade e Campo: relações e contradições entre o urbano e o rural.** 3 ed. – São Paulo : Outras expressões, 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade.** 9 ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.

_____. A questão da cidade e do campo: teorias e política. **Mercator** - Revista de Geografia da UFC, ano 03, número 05, 2004.

ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, M. E. B. & WHITACKER, A. M. (orgs). **Cidade e Campo: relações e contradições entre o urbano e o rural.** 3 ed. – São Paulo : Outras expressões, 2013.

GALVÃO, Alamiro. **Valente, um oásis no Sertão**. Salvador: Março, 2002.

HENRIQUE, Wendel. Do rural ao Urbano: dos arquétipos à espacialização em cidades pequenas. In: DIAS, P. C. & SANTOS, J. (orgs). **Cidades médias e pequenas: contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos**. Salvador: SEI, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>

LIMA, Eliany Dionizio. **A feira livre na mediação campo-cidade**. Dissertação. Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão, 2012.

MAIA, Doralice Sátyro. Cidades Médias e Pequenas do Nordeste: Conferência de Abertura. In: LOPES, Diva M. FERLIN; HENRIQUE, Wendel (Orgs). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador: SEI, 2010. p. 13-41 (Série estudos e pesquisas, 87).

ROSA, Lucelina Rosseti; FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira. As categorias rural, urbano, campo, cidade: a perspectiva de um *continuum*. In: SPOSITO, M. E. B. & WHITACKER, A. M. (orgs). **Cidade e Campo: relações e contradições entre o urbano e o rural**. 3 ed. – São Paulo : Outras expressões, 2013.

RUA, J. Urbanidades e novas ruralidades no Estado do Rio de Janeiro: algumas considerações teóricas. In: MARAFON, G. J. ; RIBEIRO, M. F. (Org.). **Estudos de Geografia Fluminense**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Infobook, 2002. p. 27-42.

SOARES, Beatriz Ribeiro; MELO, Nágela Aparecida. Cidades Médias e Pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais. In: LOPES, Diva M. FERLIN; HENRIQUE, Wendel (Orgs). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador: SEI, 2010. p. 229-247 (Série estudos e pesquisas, 87).

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: SPOSITO, M. E. B. & WHITACKER, A. M. (orgs). **Cidade e Campo: relações e contradições entre o urbano e o rural**. 3 ed. – São Paulo : Outras expressões, 2013.

Recebido em 16 de março de 2018.

Aceito em 15 de junho de 2018.